Divagações em torno de uma grande mentalidade

(CONTINUAÇÃO)

Fiel a seu systema que faz vir dos nervos tudo o que diz respeito aos phenomenos psychicos, Spencer ainda aqui procura mostrar que os phenomenos de que tracta estão em correspondencia com a estructura e as funcções nervosas. A idéa em geral é verdadeira, mas considerada em suas applicações particulares não póde deixar de ser arbitraria e se bem que dê maior relevo ás proporções architetonicas da obra de Spencer, só pode ser acceita a titulo de hypothese, sendo que em semelhante terreno a verificação experimental é, por emquanto, difficil, senão impossivel. Em todo o caso Spencer obedece á tandencia geral do espirito contemporaneo, e se as suas idéas não são positivamente confirmadas pela experiencia, todavia não vão de encontro ás previsões da sciencia que caminha para ellas.

— Os estados de consciencia e as relações que entre elles se estabelecem, correspondem aos corpusculos nervosos e ás fibras que os unem, ou antes ás mudanças moleculares de que estes corpusculos nervosos são a séde, e ás mudanças moleculares transmittidas pelas fibras A relação psychica entre dous estados de consciencia corresponde á relação physica entre duas porções agitadas de materia cinzenta, postas em communicação directa ou indirecta, por tal modo que haja uma descarga entre ellas. — São affirmações cathegorias de Spencer. Como no estado actual da sciencia deduzir para isto uma verificação experimental? Como examinar e verificar a formação de um estado de consciencia através dos corpusculos nervosos e através das mudan-

ças moleculares realizadas por esses mesmos corpusculos nervosos? Como estudar uma relação entre estados de consciencia submettendo a exame uma combinação de duas porções de materia cinzenta? E' difficil, comquanto independentemente de qualquer exame se possa em todo o tempo affirmar que nenhum phenomeno psychologico pode operar-se sem nervos. Mas Spencer chega ao ponto de determinar qual o nervo, qual a funcção nervosa que preside a cada um dos processos mentaes. Spencer, todavia, só nos falla em nome da experiencia.

— O facto de que, como elementos da consciencia, as relações entre as sensações são mui curtas, comparadas ás sensações que são por ellas unidas, tem seu equivalente physiologico no facto de que a transmissão de uma onda de mudança através de uma fibra nervosa é mui rapida, comparada á transformação que ella soffre n'um centro nervoso. — Cada transformação desta ordem é physicamente a mesma cousa que psychologicamente consideramos como uma unidade de consciencia. Considerando-se o lado physico do phenomeno, entram como elementos indispensaveis o espaço e o tempo, pois não se pode conceber nenhuma mudança corporea fóra destas duas relações ou cathegorias Igual cousa não succede quando se considera o phenomeno pelo seu lado psychico, mas se ahi tudo se passa fóra do espaço, é ainda indispensavel o tempo, sendo que, resultando o facto psychico de transformações operadas na substancia nervosa, cada transformação deve ter necessariamente uma duração apreciavel. E' lembrando essa duração apreciavel que se póde comprehender « como acontece que quando ondas de mudança molecular transmittidas por um nervo afferente excedem certa taxa de recurrencia, a transformação soffrida por cada onda, dura até que a proxima comece: e em seguida as unidades de consciencia correspondentes se fundem em um estado de consciencia continuo ou sensação.

A seguinte affirmação é importante e produz a convicção pela clareza. O predominio do elemento relacional do espirito caracterisa os estados de consciencia que vêm da peripheria e são produzidos pelos objectos externos. Entre este facto e os factos de estructura nervosa, affirma Spencer haver uma correspondencia evidente e cita em apoio o caso do olho. Diz que sendo a retina uma superficie formada de um numero immenso de elementos sensitivos, todos distinctos, comquanto mui proximos uns dos outros, e tendo cada um um nervo centripeta independente, d'ahi resulta que as relações que se estabelecem entre cada um e todos os outros são enormes, e que um numero enorme de relações póde estabelecer-se entre grupos excitados simultaneamente e certos outros grupos excitados tambem simultaneamente. Aqui a clareza de limitação mutua dos estados de consciencia e dos grupos por elles formados, é evidentemente devido ás mesmas particularidades de estructura, bem como a força de sua cohesão e á extensão de sua integração. E deixando de lado os casos intermediarios para passar ao extremo opposto, Spencer termina observando que no systema nervoso visceral, de onde vêm sensações tão simples, tão indefinidas, tão incoherentes, ha falta de appropriações que permittam a excitação independente das extremidades nervosas.

Outro facto psychico importante é que o elemento relacional do espirito tal como se mostra na limitação mutua, na força de cohesão e no gran de agrupamento, existe antes entre os estados de consciencia da mesma ordem, do que entre estados de consciencia de ordem differente. Isto deve ter tambem o seu equivalente physiologico. Spencer reconhece esta necessidade e resolve-a, affirmando que a esta lei corresponde o facto de que os feixes de fibras nervosas e os grupos de vesiculas nervosas pertencentes aos estados de consciencia de certa ordem, combinam-se mais directamente e mais intimamente entre si do que com as fibras e vesiculas

pertencentes aos estados de consciencia de outras ordens. Ainda mais : entre os estados de consciencia de diversas ordens a tendencia para entrar em combinação é maior entre os que nascem dos orgãos dos sentidos superiores cujos centros estão intimamente ligados, do que entre estes e as sensações visceras que nascem nas partes do systema nervoso que só indirectamente communicam com os centros superiores.

Ha aqui uma anomalia curiosa que vem esclarecer a doutrina. E' o caso das sensações olfactivas. Como é que as sensações desta ordem que são aliás tão pouco relacionaes, têm um poder excepcional para lembrar as scenas passadas? Isto é devido provavelmente, diz Spencer, ao facto de que os centros olfactivos são excrescencias dos hemispherios cerebraes.

O espirito pode, pois, ser considerado como uma especie de repercussão do systema nervoso. O systema nervoso é o orgão de que o espirito é a funcção. E' assim que o desenvolvimento do espirito accompanha o desenvolvimento dos nervos, e do mesmo modo que no systema nervoso o progresso é caracterisado pela concentração, multiplicação e variedade de connexões, havendo ahi desenvolvimento á proporção que os nervos se tornam mais multiformes e distinctos e á proporção que cresce a integração na estructura, como na massa; assim tambem o que constitue o desenvolvimento do espirito é uma integração crescente de estados de consciencia de mais a mais elevados com crescimento em heterogeneidade e determinação. O desenvolvimento do systema nervoso é que serve de base ao desenvolvimento do espirito, tendo assim a evolução do espirito em seus caracteres fundamentaes duas faces parallelas de que uma está em correspondencia necessaria com a outra: a face objectiva constituida pela estructura e funcções do systema nervoso, e a face subjectiva originada dos processos sempre complicados e muita vez imperceptiveis de que resulta o desenvolvimento da paixão, como a elaboração do pensamento.

Uma observação importante cumpre agora fazer dedusida das considerações com que Spencer termina o admiravel capitulo em que expõe as suas doutrinas sobre a composição do espirito. Vem a ser que quando se considera a vida mental, o que sobretudo attrae a attenção é a parte mais desenvolvida e notavel do espirito. E' a intelligencia, portanto, e sómente a intelligencia que se toma em consideração, ficando tudo o mais em plano obscuro, esquecendo-se que a intelligencia é apenas um effeito cuja causa deve ser e só pode ser estudada em manifestações muito menos brilhantes da vida psychica. O espirito não é somente a intelligencia, nem mesmo principalmente a intelligencia, diz Spencer Em voz de dizer que o espirito é a intelligencia, seria preferivel affirmar que o espirito é a sensação. Effectivamente são as sensações que constituem as formas inferiores da consciencia ; e é com os materiaes que dellas resultam que se vão por successivas combinações constituindo as suas formas superiores, como a intelligencia, a rasão. Onde a intelligencia ainda não existe,o espirito consiste na sensação; esta desenvolvendo-se e multiplicando-se é que produz a intelligencia. « Por toda a parte, diz Spencer, a sensação é a substancia de que a intelligencia, quando existe, é a forma. » A sensação é a materia bruta de que a intelligencia é, por assim dizer, um producto artistico. E podemos assim estabelecer que a intelligencia é um producto cultural do individuo do mesmo modo que a civilisação é um producto cultural da humanidade.

Os *Principios de Psychologia* de Spencer comprehendem dous grossos volumes em cada um dos quaes o auctor considera a materia por um methodo differente. O assumpto é um só — os phenomenos psychicos ; mas Spencer estuda-o debaixo de dous pontos de vista differentes, fundando pela synthese no primeiro volume o que chama a psychologia objectiva, e no

segundo, pela analyse, o que denomina a pscychologia subjectiva.

Ha, pois, uma pscychologia objectiva e uma pscychologia subjectiva. Esta distincção é capital em Spencer que divide assim a pscychologia em duas partes distinctas, para não dizer oppostas, porquanto a pscychologia objectiva entra no grupo das sciencias concretas, ao passo que a pscychologia subjectiva com as mathematicas forma o grupo das sciencias abstractas. Spencer cedeu aqui á influencia de Augusto Comte para o qual toda a pscychologia é objectiva, devendo ser comprehendida e explicada como um simples capitulo da physiologia, a physiologia cerebral. Mais logico e mais conhecedor da materia, reconheceu que nem tudo na pscychologia pode ser estudado ao geito da sciencia objectiva, sendo forçado a separar uma parte que deve ser considerada como sciencia subjectiva. Mas isto não é bastante: devia ter ido mais longe, affirmando francamente que toda a pscychologia é subjectiva. Pois a pscychologia não é propriamente a sciencia do subjeito? Como pode ser objectiva? A expressão *pscychologia objectiva* envolve uma contradicção nos termos. Forma-se em torno do subjeito e tendo por objecto o subjeito, um grupo de sciencias que todas podem ser comprehendidas sob a denominação geral de sciencias subjectivas, inclusive a moral que tem por objecto a acção. Todas as outras que giram em torno do objecto podem ser comprehendidas sob a denominação geral de sciencias objectivas. Tal é o ponto de vista que pensamos deve ser adoptado para uma classificação geral das sciencias, sendo que já não pode ser acceita, nem a classificação de Spencer, nem tão pouco a de Augusto Comte. Era talvez de interesse submetter a um exame profundo esta questão que nos parece de grande importancia; mas isto nos levaria mui longe e ficará reservado para outro logar.

Para que se tenha uma ligeira noção do nosso ponto de vista, basta que fique desde logo consignado o se-

guinte: As sciencias subjectivas são duas: a pscychologia e a moral. A pscychologia é a sciencia das condições formaes da acção; e como as condições formaes da acção são o sentimento e o conhecimento, segue-se que a pscychologia comprehende dous grupos: a esthetica que é a sciencia do sentimento e a logica que é a sciencia do conhecimento. Quanto a moral pode ser definida — a sciencia que tem por objecto as differentes modalidades da acção. A pscychologia representa em relação ás sciencias subjectivas o mesmo papel que as mathematicas em relação ás sciencias objectivas; a moral, o mesmo papel que a mechanica. A mechanica tem por objecto o movimento; as mathematicas tem por objecto as condições formaes do movimento. Para que as mathematicas e a mechanica se transformem em pscychologia e moral só falta um elemento — a consciencia. Mas esse elemento é tudo. Quanto as outras sciencias de que não podemos fazer menção, devem ser incluidas, umas no grupo das sciencias subjectivas, outras no grupo dassciencias objectivas.

Estas idéas que não podem deixar de ser excessivamente obscuras, porque são inteiramente novas, serão devidamente esclarecidas mais tarde.

As ultimas considerações estão fóra do assumpto; mas não são inutois. A ellas fomos instinctivamente levados e a ellas voltaremos opportunamente, podendo-se desde logo conhecer que do facto de estarmos estudando as idéas de Spencer e de Mill, não se segue que sejamos sectario do systema que defendem.

Tarias Brito.